

STEPHEN CRANE

O emblema vermelho
da coragem

Um episódio da Guerra Civil Americana

Tradução de
SÉRGIO RODRIGUES

Apresentação de
JOSEPH CONRAD

Introdução e notas de
GARY SCHARNHORST

PENGUIN



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright da introdução e das notas © Gary Scharnhorst, 2005

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Penguin and the associated logo and trade dress
are registered and/or unregistered trademarks
of Penguin Books Limited and/or
Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association
with Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
The Red Badge of Courage

CAPA E PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA
Raul Loureiro, Claudia Warrak

REVISÃO
Luciane Helena Gomide
Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Crane, Stephen

O emblema vermelho da coragem : um episódio da guerra civil americana / Stephen Crane ; tradução Sérgio Rodrigues ; introdução e notas Gary Scharnhorst. — São Paulo : Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

Título original: The red badge of courage.

ISBN 978-85-63560-10-0

1. Batalha de Chancellorsville, 1863 – Ficção 2. Estados Unidos – História – Guerra civil, 1861-1865 – Ficção. 1. Scharnhorst, Gary. II. Título.

10-11833

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501
www.penguincompanhia.com.br

Sumário

Apresentação — Joseph Conrad	7
Introdução — Gary Scharnhorst	15
O EMBLEMA VERMELHO DA CORAGEM	39
<i>Notas</i>	209
<i>Outras leituras</i>	211

O frio deixava a terra com relutância, e a neblina em dispersão revelou um exército estirado ao pé dos morros, repousando. Quando a paisagem mudava do pardo para o verde, o exército acordou e começou a tremer de ansiedade ao rumor dos boatos. Os olhos inspecionavam as estradas, que aos poucos deixavam de ser compridas valas de lama líquida para se tornarem ruas de verdade. Um rio cor de âmbar nos trechos sombreados pelas margens rumorejava a seus pés, e à noite, quando o leito adquiria um pretume desconsolador, podia se ver do outro lado os olhinhos vermelhos das fogueiras do acampamento inimigo, acomodado nas bordas mais baixas dos morros distantes.

De repente, um soldado alto tomou coragem e foi resolutamente lavar uma camisa num riacho próximo. Voltou correndo, sacudindo a peça de roupa como um estandarte. Estava cheio de si com a história que ouvira de um amigo confiável, que a ouvira de um soldado da cavalaria incapaz de mentir, que a ouvira do confiabilíssimo irmão dele, um dos ordenanças do quartel-general da divisão. O soldado assumiu o ar imponente de um arauto vestido em ouro e carmim.

* Todas as notas de rodapé são do tradutor. As notas numeradas, do editor, encontram-se ao final do livro.

“Vamos levantar acampamento amanhã — com certeza”, disse, em tom convencido, a um grupo reunido na rua. “Vamos subir o rio, atravessar, e rodeá-los por trás.”

Então, para uma plateia atenta, traçou um plano grandioso e complicadíssimo de uma brilhante campanha. Quando terminou, os homens de azul se dividiram em pequenos grupos de debate entre as filas de barracas marroms atarracadas. Um carroceiro negro, que estivera dançando sobre um barril de biscoitos diante das risadas de incentivo de uma dupla de soldados, foi abandonado e sentou-se, emburrado. A fumaça subia preguiçosamente de uma multidão de chaminés tortas.

“Mentira! É isso mesmo, mentira! Mentira da grossa”, disse um outro soldado, aos berros; seu rosto de traços suaves estava corado, e as mãos, enfiadas nos bolsos da calça, indicavam contrariedade: tomava aquilo como afronta. “Esse exército velho de guerra não vai se mexer nunca. Estamos atolados aqui. Já me preparei pra levantar acampamento umas oito vezes em duas semanas e até agora, nada.”

O praça alto se viu obrigado a defender a veracidade do boato que espalhara. Ele e o gritoalhão chegaram bem perto de trocar sopapos.

Um cabo começou a praguejar. Tinha acabado de botar um dispendioso piso de tábuas em sua barraca, explicou. No início da primavera, resistira à tentação de fazer melhorias no local por achar que o exército partiria a qualquer momento. Nos últimos tempos vinha tendo a impressão de que viviam num acampamento eterno.

Muitos dos homens se empenharam em animadas discussões. Um deles esboçou de maneira notavelmente lúcida os planos do general-comandante. Encontrou a oposição dos que defendiam a existência de outros planos de campanha. Gritavam uns com os outros, todos tentando inutilmente chamar a atenção. Enquanto isso, o soldado que

trouxera o boato andava por toda parte, atarefado, cheio de importância. Assaltavam-no sem parar com perguntas.

“O que que há, Jim?”

“O exército vai levantar acampamento.”

“Ah, que história é essa, homem? Como é que você sabe?”

“Acredite se quiser, você é que sabe. Estou me lixando. Pouco me importo.”

Seu jeito de responder dava o que pensar. Quase convenceu todo mundo pelo simples desdém com que encarava a obrigação de apresentar provas. A excitação ia crescendo.

Havia um jovem soldado raso ouvindo atentamente as palavras do rapaz alto e os comentários variados de seus companheiros. Depois de se abastecer de discussões sobre marchas e assaltos, caminhou até sua barraca e rastejou pelo complicado buraco que servia de porta. Desejava estar sozinho com certos pensamentos novos que lhe ocorriam.

Deitou-se no vasto beliche que se estendia de um lado a outro do aposento. Junto à parede oposta, caixas de biscoito serviam de mobília, agrupadas em torno da lareira precária. Uma gravura tirada de uma revista semanal estava pregada nas toras da parede; três rifles descansavam, paralelos, suspensos por pregos. Algum equipamento pendia de saliências providenciais nas toras, pratos de estanho repousavam numa pilha de lenha. Uma lona dobrada fazia as vezes de telhado. O sol lá fora castigava, dando-lhe um brilho amarelo pálido. Uma pequena janela projetava um retângulo oblíquo de luz mais clara sobre o chão atravancado de tralhas. De vez em quando a fumaça da fogueira esquecia a chaminé, enroscando-se quarto adentro, e essa frágil chaminé de barro e sua lenha ardente faziam intermináveis ameaças de incendiar o estabelecimento.

O jovem estava mergulhado num transe atônito. Então iam lutar, enfim. Na manhã seguinte, talvez, haveria

uma batalha, e ele estaria nela. Por algum tempo, teve de fazer certo esforço para acreditar. Não podia aceitar sem hesitação a ideia de estar prestes a se envolver num desses grandiosos acontecimentos do mundo.

Claro, havia sonhado com batalhas a vida inteira — vagos conflitos sanguinolentos que o impressionavam com seu poder de fogo e arrebatamento. Em sua mente, já se vira participando de muitos combates. Imaginava as pessoas em segurança à sombra de sua bravura vigilante. Acordado, porém, encarava as batalhas como rubros borrões nas páginas do passado. Arquivara-as entre as coisas de antigamente, ao lado das imagens mentais que fazia de coroas pesadas e castelos altos. Havia uma parcela da história do mundo que ele considerava a época das guerras, mas esse tempo, pensava, havia muito sumira no horizonte, e para sempre.

Ainda em sua casa, seus olhos juvenis haviam encarado a guerra no seu próprio país com suspeita. Devia ser algum tipo de encenação. Fazia tempo que perdera a esperança de presenciar um combate à moda grega. Tal coisa já não há, dissera. Os homens estavam melhores — ou mais tímidos. A educação leiga e a religiosa haviam apagado o instinto de enganar; talvez os interesses financeiros mantivessem as paixões sob controle.

Muitas vezes sentira a tentação de se alistar. Histórias de grandes feitos sacudiam a terra. Talvez não fossem distintamente homéricas, mas parecia haver nelas muita glória. Lia sobre marchas, cercos, conflitos, remoendo-se de desejo de ver tudo aquilo. Sua mente atarefada pintava-lhe quadros imensos, de cores extravagantes, cheios de façanhas espantosas.

A mãe o desencorajara. Ela fingia encarar com desdém seu patriotismo e seu ardor guerreiro. Era capaz de, calma e aparentemente sem dificuldade, apresentar-lhe algumas centenas de razões pelas quais ele era de importância muito maior na fazenda do que na frente de batalha. Certas

expressões que ela usava davam a entender que seus argumentos provinham de uma arraigada convicção. Além disso, pesava a favor da mãe a crença do jovem de que, nessa questão, ela tinha uma motivação ética inabalável.

Por fim, ele se rebelara firmemente contra essa luz amarela projetada sobre as cores de suas ambições. Os jornais, o falatório na vila, sua própria imaginação — tudo o excitara a um ponto incontrolável. Estavam mesmo lutando que era uma beleza, por lá. Quase todos os dias os jornais traziam relatos de uma vitória decisiva.

Certa noite, deitado em sua cama, chegaram-lhe com o vento as badaladas da igreja, alguém mais animado se pendurava na corda do sino para proclamar as notícias distorcidas de uma grande batalha. Aquele som de gente jubilosa dentro da noite o fez estremecer, extasiado, por um longo tempo. Mais tarde, foi até o quarto da mãe e disse:

“Mãe, vou me alistar.”

“Henry, não seja tolo”, respondeu a mãe, e cobriu o rosto com a colcha.

O assunto estava encerrado por aquela noite.

Na manhã seguinte, ele foi à cidade mais próxima da fazenda e aderiu à companhia que se formava ali. Quando voltou para casa, a mãe ordenhava a vaca malhada. Quatro outras aguardavam na fila.

“Mãe, me alistei”, disse timidamente.

Houve um breve silêncio.

“A vontade do Senhor será feita, Henry”, ela respondeu enfim, e voltou a ordenhar a vaca malhada.

Quando estava na porta com as roupas de soldado nas costas e, nos olhos, uma luz de expectativa emocionada ofuscando quase inteiramente o fulgor de pesar por tudo o que o prendia em casa, ele viu duas lágrimas riscando suas trilhas no rosto maltratado da mãe.

Para sua decepção, ela não disse nada sobre seu regresso com o escudo ou em cima dele.¹ Tinha se preparado para uma cena bonita. Aprontara certas frases que

imaginava usar com efeito comovente. Mas as palavras dela arruinaram-lhe os planos. Descascando batatas com obstinação, a mãe disse o seguinte: “Abre o olho, Henry, e toma muito cuidado com esse negócio aí de guerra — abre o olho e toma muito cuidado! Não vai imaginando que dá pra liquidar o exército rebelde todo de uma vez porque não dá; você é só um hominho pequeno lá no meio dum montão. Tem de ficar bem quieto e fazer o que eles mandam. Eu te conheço, Henry.

“Tricotei oito pares de meias pra você, Henry, e botei na mochila as camisas melhores. Quero ver o meu menino tão agasalhado e quentinho quanto qualquer um no exército. Se tiver algum buraco, você manda de volta na mesma hora, pra cerzir.

“E toma muito cuidado o tempo todo, escolhe bem as suas companhias. Tem muita gente ruim no exército, Henry. Eles ficam todos malucos no exército, não tem nada que gostem mais do que a façanha de desencaminhar os rapazes novinhos feito você, que nunca ficaram muito tempo longe de casa e sempre tiveram mãe, e ensinar eles a beber e falar palavrão. Fica longe dessa gente, Henry. Eu quero que você nunca faça nada, Henry, que faça você ter vergonha de me contar. Pensa que eu estou sempre olhando. Se você pensar assim sempre, acho que sai dessa.

“Lembra também do seu pai, filho, e lembra que ele nunca bebeu uma gota de álcool na vida dele, e quase nunca jurava pela cruz.

“Não sei o que mais eu posso falar, Henry, a não ser, meu filho, que você não deve nunca tirar o corpo fora por minha causa. Se chegar a hora de ser sem-dó e fazer uma coisa bruta, aí, Henry, não pense em nada a não ser no que é certo, porque tem muita mulher sofrendo essas penas hoje em dia, e o Senhor vai cuidar de nós todas.

“Não esquece as meias e as camisas, filho. Botei um vidro de geleia de amora com o resto, sei que você gosta

mais do que tudo no mundo. Adeus, Henry. Toma cuidado, e seja um bom menino.”

Ele tinha, naturalmente, ficado inquieto durante a provação desse discurso. Não era bem o que esperava, suportou-o com ar de irritação. Partiu sentindo um vago alívio.

Quando parou no portão e olhou para trás, viu a mãe ajoelhada entre cascas de batata. Sua face queimada de sol, erguida, estava banhada em lágrimas, seu corpinho miúdo era sacudido por tremores. Ele abaixou a cabeça e foi embora, subitamente sentindo vergonha de seus propósitos.

De casa foi à escola dizer adeus a uns tantos colegas. Cercaram-no, cheios de espanto e admiração. Ao sentir o abismo que agora os separava, enchera-se de um orgulho sereno. Com alguns companheiros que também vestiam azul, foi cumulado de regalias a tarde inteira, o que era uma perfeita delícia. Mostravam-se empertigados.

Uma certa jovem de cabelos claros divertiu-se muito com seu espírito marcial, mas havia uma outra de cabelos escuros, que, quando ele a fitou com intensidade, julgou ter visto se acabrunhar, triste com a visão dos botões de lata sobre o azul. Mais tarde, indo embora pela alameda de carvalhos, ele se voltou e a viu debruçada a uma janela, observando sua partida. Ela imediatamente começou a olhar para o céu, através dos galhos altos das árvores. Ele enxergou uma boa dose de embaraço e excitação naquela mudança de atitude. Lembraria disso com muita frequência.

A caminho de Washington,² seu ânimo chegara às nuvens. Estação após estação, o regimento foi alimentado e bem tratado até o jovem começar a acreditar que já devia ser um herói. Houve pródiga ganância de pães, salames, café, picles e queijo. Colhendo cuidadosamente os sorrisos das moças e sendo saudado com tapinhas nas costas pelos velhos, sentira crescer em seu íntimo a força necessária para o desempenho dos grandes feitos de armas.

Então, depois de uma viagem complicada, com muitas paradas, vieram aqueles meses de vida monótona no acampamento. Ele havia imaginado que a guerra de verdade seria uma série de combates mortais com breves intervalos para o sono e as refeições, mas, desde que seu regimento entrara em campo, o exército pouco fazia além de ficar sentado, tentando se manter aquecido.

Foi sendo gradualmente conduzido de volta a suas velhas ideias. Combate à moda grega não haveria. Os homens estavam melhores, ou mais tímidos. A educação leiga e religiosa apagara o instinto de esganar; talvez os interesses financeiros mantivessem as paixões sob controle.

Acabou aprendendo a se ver como peça de uma imensa manifestação azul. Cabia-lhe cuidar o melhor possível de seu próprio conforto. Para se distrair, podia girar os polegares e tentar adivinhar os pensamentos que se revolviam nas cabeças dos generais. Nos exercícios, exercícios e revistas, e exercícios, exercícios e revistas.

Os únicos inimigos que vira foram as sentinelas espalhadas pela margem do rio, um pessoal bronzeado e filosófico que às vezes atirava por reflexo nas sentinelas azuis do outro lado. Quando repreendidas, em geral se diziam consternadas, jurando pelos deuses que as armas haviam disparado sem permissão. O jovem, de guarda certa noite, conversou com uma delas por cima da correnteza. Era um homem meio esmolambado, que cuspiu habilmente entre os sapatos e possuía vastas reservas de uma afável segurança infantil. O jovem gostou dele.

“*Yank*”,* dissera o outro, “você é um sujeito danado de bom.”

* Forma abreviada de *yankee*, como eram chamados no Sul os soldados do Norte, que lutaram pela unidade dos Estados Unidos sob a presidência do abolicionista Abraham Lincoln na Guerra de Secessão (1861-5).

O sentimento veio flutuando até ele no ar parado e o fez lamentar temporariamente que houvesse uma guerra.

Diversos veteranos contavam histórias. Uns falavam de hordas grisalhas e barbadas que avançavam em meio a uma densa nuvem de palavrões, mascando fumo com bravura indizível; tropas formidáveis de uma soldadesca feroz que varria a terra como bandos de hunos. Outros relatavam casos de homens maltrapilhos, eternamente famintos, que disparavam pólvora fraca. “Eles atravessam o fogo dos infernos pra botar a mão num embornal, sabe como é: a barriga não aguenta muito”, disseram-lhe. As histórias faziam o jovem imaginar ossos vermelhos aparecendo, vivos, através dos uniformes rasgados. Mas não podia acreditar sem reservas no que diziam os veteranos, pois suas vítimas eram recrutas. Falavam muito em fumaça, fogo e sangue, mas não dava para dizer o quanto daquilo era mentira. Estavam sempre gritando: “Peixe fresco!”.³ Não se podia confiar neles.

Percebia agora, porém, que não tinha grande importância contra que tipo de soldados lutaria, contanto que lutassem, fato que ninguém contestava. Havia um problema mais sério. Deitado no beliche, refletiu longamente sobre o assunto. Tentou provar matematicamente a si mesmo que não fugiria de uma batalha.

Até então, jamais se sentira obrigado a se atracar a sério com a questão. A vida inteira admitira certas coisas sem parar para pensar muito, jamais duvidando da vitória final e preocupando-se muito pouco com os meios e caminhos para chegar lá. Agora via-se diante de um problema seriíssimo. Subitamente, parecia-lhe que talvez fugisse de uma batalha. Era forçado a admitir que, em relação à guerra, nada sabia de si.

Algum tempo atrás, teria deixado o problema de molho nos fundos de sua mente, mas dessa vez foi obrigado a lhe dar atenção.

Um pequeno pânico começou a crescer em sua mente. A imaginação previu um combate e via nele medonhas possibilidades. Contemplando as ameaças sorrateiras do futuro, embora se esforçasse, não conseguia ver-se de pé, impávido, no meio delas. Recordou suas visões de glória e espadas partidas, mas, à sombra do tumulto iminente, desconfiou que fossem todas impossíveis.

Pulou da cama e começou a andar pra lá e pra cá.

“Meu Deus, o que há de errado comigo?”, disse, em voz alta.

Sentia que, naquela crise, as leis que pautavam sua vida eram inúteis. Seja lá o que houvesse aprendido a respeito de si, não serviria pra nada. Ele era uma quantidade indeterminada. Percebeu que mais uma vez teria de pesquisar, como nos tempos de menino. Precisava acumular informações a seu respeito e, ao mesmo tempo, manter-se alerta para que aquela face-ta inteiramente ignorada de seu caráter não o desgraçasse para sempre.

“Meu bom Deus!”, repetiu, aflito.

Depois de algum tempo o praça alto escorregou com destreza pelo buraco. O praça gritalhão o seguiu. Discutiam.

“Certo, certo”, disse o praça alto ao entrar abanando a mão de um jeito expressivo. “Acredite se quiser, você é que sabe. É só esperar sentado, quietinho, e logo vai ver que eu estou certo.”

O companheiro deu um grunhido de teimosia. Por alguns instantes, pareceu estar procurando uma boa resposta. Então disse: “Você não sabe tudo no mundo, sabe?”.

“Não disse que sabia tudo no mundo”, rebateu vivamente o outro. Começou a enfiar coisas variadas na mochila já cheia.

O jovem, interrompendo suas nervosas idas e vindas, olhou aquela figura ocupada. “Vai ter batalha mesmo, no duro, Jim?”, disse.

“Claro que vai”, respondeu o praça alto. “Claro que vai. Espera só até amanhã, e você vai ver uma das maiores que já teve. Espera só.”

“Não brinca!”, disse o jovem.

“Ah, você vai ver um combate dessa vez, meu rapaz, um combate de respeito, de sair lasca pra todo lado”, acrescentou o soldado, com o ar de quem estivesse prestes a exibir uma batalha para entreter os amigos.

“Hum!”, fez o gritalhão lá do canto.

“Bom”, observou o jovem, o mais provável é que essa história acabe feito as outras.”

“Feito as outras é que não vai”, replicou o alto, irritado. “Feito as outras é que não vai. Então a cavalaria não partiu hoje de manhã?” Encarou os outros dois, mas ninguém refutou a afirmativa. “A cavalaria partiu hoje de manhã”, ele continuou. “Dizem que quase já não tem cavalaria no acampamento. Eles vão pra Richmond,⁴ ou um lugar desses, enquanto nós combatemos todos os Johnnies,⁵ um despiste assim. O regimento também já recebeu ordens. Um sujeito que viu eles indo pro quartel-general me contou agora há pouco. E estão acendendo fogueiras no acampamento inteiro, isso qualquer um pode ver.”

“Conversa!”, disse o gritalhão.

O jovem ficou algum tempo em silêncio. Afinal, dirigiu-se ao soldado alto.

“Jim!”

“O quê?”

“Como você acha que o regimento vai se sair?”

“Ah, eles vão lutar direito, eu acho, quando entrarem na briga”, disse o outro, judicioso e ponderado. “O pessoal goza muito porque eles são novos, claro, e tudo o mais; mas eu acho que eles vão lutar muito bem.”

“Acha que alguém vai fugir?”, insistiu o jovem.

“Ah, talvez um ou outro, sim, em qualquer regimento tem gente desse tipo, ainda mais quando vão pro primeiro fogo”, disse o outro, tolerante. “Claro que pode acon-

tecer de sair todo mundo correndo, se calhar de ser um combate mais cruento logo na primeira vez, mas também pode acontecer o contrário, todo mundo ficar e brigar com gosto. Não dá pra apostar em nada. Claro que eles nunca foram pro fogo, e por isso é bem difícil imaginar que vão acabar com o exército rebelde assim, duma vez, logo no batismo. Mas eu acho que eles vão lutar melhor do que muita gente, embora pior que os outros. É o que eu penso. Chamam o regimento de ‘peixe fresco’ e tudo o mais, mas os rapazes têm estofo, a maioria vai começar a lutar assim que começar a mandar bala”, acrescentou, enfatizando as quatro últimas palavras.

“Oh, você pensa que sabe —”, começou a dizer com desprezo o praça gritalhão.

O praça alto partiu ferozmente para cima dele. Seguiu-se um rápido bate-boca, no qual pespegaram um no outro várias alcunhas estranhas.

O jovem enfim os interrompeu. “Algum dia você achou que podia acabar fugindo, Jim?”, perguntou, concluindo a sentença com uma risadinha, como se fosse uma brincadeira.

O gritalhão também deu uma risadinha. O praça alto fez um meneio com a mão.

“Bom”, disse, com ar grave, “eu já imaginei que pode acabar ficando quente demais pro Jim Conklin aqui, e, se boa parte do pessoal começar a fugir, bom, aí acho que vou acabar fugindo também. E se eu começar a correr, ah, vou correr que nem a peste, com certeza. Agora, se todo mundo aguentar firme, lutando, aí fico e luto. Por tudo que é sagrado, fico e luto! Pode apostar!”

“Hum!”, disse o gritalhão.

O nosso jovem sentiu-se grato com essas palavras do companheiro. Receara que todos os soldados inexperientes fossem dotados de grande segurança. Até certo ponto, agora estava tranquilo.